

Estudos Críticos do Animal na Mídia: uma revisão da representação jornalística do não-humano no Brasil¹

Gabriela Martins Dias²

Ilza Maria Tourinho Girardi³

Resumo: O ser humano é um animal que tende a enxergar sua existência de forma superior às outras. Ele busca na distinção em relação às espécies não-humanas uma justificativa para atribuir-lhes um uso instrumental, ignorando que são capazes de sofrer. A ideologia existente nessa relação está inscrita no discurso coloquial, assim como no Jornalismo. Os Estudos Críticos do Animal na Mídia foram oficializados por pesquisadores da Espanha, Inglaterra e Estados Unidos com enfoque na análise das representações do não-humano. No Brasil, três autores já publicaram trabalhos neste sentido, sem identificá-los à nova área de pesquisa. O presente artigo tem o objetivo de unir os resultados encontrados por eles a fim de realizar uma identificação dos Estudos Críticos do Animal na Mídia no Brasil, país lar da maior biodiversidade mundial e responsável pelo abate anual de bilhões de animais para consumo.

Palavras-Chave: Jornalismo. Especismo. Animal. Representação. Cultura.

1. Introdução: humanidade especista

O *Homo sapiens* é uma espécie do Reino *Animalia* que se diferencia de outras por razões físicas, cognitivas e culturais. Por meio do atributo da linguagem constituiu uma visão de mundo que afirma sua existência como central em relação às outras. O antropocentrismo perspectivo (NACONENCY, 2016, p. 41) é inerente ao ser humano, pois o modo de perceber e significar o mundo é limitado a si próprio. Todavia, o preconceito de classificar outras espécies como não sendo merecedoras de consideração moral, o especismo (SINGER, 1975, p. 11) é uma construção social. Um dos sintomas de que se percebe em um status superior é o distanciamento em relação à palavra “animal”, habitualmente utilizada para identificar a todas as outras espécies, exceto à própria. No dicionário online **Michaelis**, podem ser encontradas

¹ Artigo resultado de pesquisa bibliográfica para TCC.

² Graduanda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, gabrielamartinsdias@outlook.com

³ Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ilza.girardi@ufrgs.br

seis definições do termo:

- 1 BIOL Ser vivo multicelular, dotado de movimento, de crescimento limitado, com capacidade de responder a estímulos.
- 2 Ser animal destituído de razão; animal irracional.
- 3 COLOQ Pessoa insensível ou cruel.
- 4 COLOQ Pessoa muito grosseira ou ignorante.
- 5 Animal cavalariço, especialmente o macho.
- 6 FIG A natureza animal; animalidade. (ANIMAL, 2018)

Nos números 2, 3 e 4, “animal” tem conotação visivelmente negativa para o ser humano, que considera positivo ser racional, polido e gentil. O item 5 tampouco caracteriza a humanidade, pois remete a um indivíduo, principalmente masculino, de grandes dimensões, relacionado ao cavalo. O 6 indica uma natureza instintiva, oposta ao conceito de civilidade defendido no contexto ocidental. O atributo biológico, descrito no número 1, é o único com o qual o ser humano se identifica, ainda que evite lembrar dessa similaridade em relação às outras espécies. A distinção em relação à palavra “animal” acaba tornando-a, inclusive, uma forma de ofensa. Do mesmo modo, o termo “vaca” frequentemente é utilizado como agressão verbal entre seres humanos, sendo um sinônimo de “prostituta”, com juízos de valor negativos em relação à atividade; quando alguém é chamado de “burro” significa caracterizá-lo como um sujeito limitado intelectualmente; já o adjetivo “veado” refere-se à homossexualidade de forma pejorativa.

O uso dessas e outras palavras é índice de uma dominação sustentada por divergências de traços. A ideologia especista enquadra o papel de cada ser em hierarquia: o humano, superior, merece ter consideração ética, ao contrário do não-humano. Nessa dinâmica, se consolida uma imposição de poder e exploração a quem é considerado inferior. Com isso, bois, porcos, frangos e peixes viram alimento; ratos e coelhos são utilizados em testes de cosméticos; raposas e chinchilas se transformam em vestuário; cães e gatos são comercializados em vitrines, apesar do sofrimento causado pelos atos. O animal não-humano é tratado de forma instrumental, como mero objeto para uma finalidade, que é servir ao ser humano. Neste caso, valorizar as diferenças e criar um distanciamento em relação às semelhanças é pura conveniência.

[...] the weight of evidence indicates that humans are not unique in possessing the neurological substrates that generate consciousness. Nonhuman animals, including all mammals and birds, and many other creatures, including octopuses, also possess these neurological substrates.⁴(THE CAMBRIDGE DECLARATION OF CONSCIOUSNESS, 2012, p. 2).

⁴ “[...] o peso da evidência indica que humanos não são os únicos que processam os substratos neurológicos que geram consciência. Animais não-humanos, incluindo todos os mamíferos e pássaros, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos [...]” [tradução livre].

Conforme a Declaração de Cambridge sobre Consciência, os humanos não são os únicos a processar os substratos neurológicos geradores de consciência. A partir dessa informação, assume-se que os animais, até mesmo os não-humanos, percebem e sentem o ambiente no qual estão inseridos. Apesar do pouco interesse por parte dos cientistas, estudos têm mostrado a complexidade das outras espécies quanto à inteligência, aos sentimentos e às relações (KEIM, 2017). Uma edição especial da revista *National Geographic*, escrita pelo jornalista Brendon Keim, compilou habilidades detectadas por pesquisadores em diferentes não-humanos, como capacidade de memória, de utilizarem ferramentas, de distinguir sabores, de reconhecerem uns aos outros, de comunicarem-se, de sentirem prazer e dor ou até de tomarem decisões em grupo, entre outras. A pergunta do autor colocada no verso da contracapa da publicação é muito pertinente. “As we learn more about what animals think and feel, the questions posed are as much ethical as scientific. What are we going to do with that knowledge?”⁵(KEIM, 2017, p. 113).

O ser humano tem conhecimento do sofrimento que causa aos indivíduos não-humanos, ainda assim, só no ano de 2017 acabou com a vida de 30,83 milhões de bovinos, 43,19 milhões de suínos e 5,84 bilhões de frangos no Brasil para consumo (INDICADORES IBGE, 2018). A criação de animais terrestres também devasta o meio ambiente, sendo responsável por 18% da emissão de gases de efeito estufa no mundo e por 8% do consumo mundial de água. Ademais, é uma das maiores usuárias do solo, ocupando 30% da superfície do planeta (FAO, 2006). O Brasil é lar de 20% do número total de espécies do mundo, sendo assim, o país que abriga a maior biodiversidade (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2018), estando a mesma ameaçada devido à expansão de terras para o uso da pecuária. Das áreas desmatadas da Amazônia, aproximadamente 60% serviam como pastagens em 2014 (EMBRAPA; INPE, 2016). Além de tudo, a atividade é uma grande causa de degradação de terras, poluição, aquecimento global, entre outros problemas ambientais. A pesca comercial não é muito diferente: danifica o ecossistema dos oceanos e ainda mata animais que são capturados por acidente (HILL, s.d.), como botos, golfinhos e tartarugas.

O Brasil é permissivo quanto a essa devastação, embora a Constituição afirme incumbir ao Poder Público “[...] proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.” (CONSTITUIÇÃO, 1988). Os critérios do que e de quem

⁵ “Assim que aprendemos mais sobre o que animais pensam e sentem, as questões colocadas são tão éticas quanto científicas. O que nós vamos fazer com esse conhecimento?” [tradução livre].

devem ser protegidos são flexíveis, de acordo com interesses envolvidos. Assim, a legislação acaba garantindo respaldo a um tratamento instrumentalista, sendo “minimamente bem-estarista” (RAMMÊ, 2018). Os animais não-humanos não são concebidos como indivíduos, mas como produtos, e apenas são impedidos de sofrer quando as pessoas consideram desnecessário.

Ainda assim é importante perceber que as normas acompanham processos socioculturais. Atualmente, os maus-tratos a cães e gatos vêm recebendo uma atenção maior, devido ao papel de membro da família que passaram a ocupar. Um indício da presença de “animais de estimação” nas casas brasileiras é a terceira colocação no faturamento mundial de produtos “pet” (ABINPET, 2018), superior a US\$ 5 bilhões em 2017, apenas atrás dos Estados Unidos (US\$ 49 bilhões) e do Reino Unido (US\$ 6 bilhões). Em sociedades ocidentais é comum haver um choque quando se conhece situações como o Festival de Yulin, na China, nas quais carne de cachorro serve de alimento para a população. Entretanto, os indícios científicos de experimentação da dor não são diferentes entre os animais conhecidos como “de companhia” e os “de produção”. Nessa situação é evidenciado um especismo seletivo (BRÜGGER, 2013, p. 132) por parte das pessoas que asseguram o direito de não sofrer apenas a algumas espécies. Os “animais de estimação” são mais respeitados, de forma geral, pela sociedade contemporânea, mas não escapam de serem tratados como produtos, afinal de contas, são separados por raças e comercializados.

O avanço da humanidade depende da reavaliação de costumes já naturalizados. Levando em conta o interesse de todos os animais em não sentir dor, o ser humano deveria estender a consideração moral aos não-humanos na direção de um tratamento justo, de acordo com a complexidade dos indivíduos que são. Como afirma Peter Singer (1975, p. 14), “Não importa a natureza do ser; o princípio da igualdade requer que seu sofrimento seja considerado da mesma maneira como o são os sofrimentos semelhantes”. Ainda falta muito para que os direitos dos animais sejam coerentes com as necessidades de cada um e a linguagem está diretamente ligada com a forma como são tratados.

Este artigo surgiu a partir de uma pesquisa bibliográfica para um trabalho de conclusão de curso, que analisará o conteúdo de um mês do Jornal Nacional, com o objetivo de entender de que forma ocorre a representação do animal não-humano na mídia. A inconsistência da relação das pessoas com as outras espécies despertou um interesse por entender os fatores sociais, históricos, culturais e econômicos que sustentam tais tratamentos. Foram consultados os bancos de TCC, teses e dissertações das principais universidades do

país e de órgãos de pesquisa. Apesar de não ser uma temática muito investigada, foi encontrada uma dissertação de mestrado, bem como uma tese de doutorado. Os artigos utilizados já eram conhecidos por experiências prévias de leitura sobre o assunto. Tendo em conta a consolidação do campo Estudos Críticos do Animal na Mídia (ECAM)⁶ em outros países, este trabalho visa enquadrar os resultados identificados por pesquisadores brasileiros na área que eclode mundialmente.

2. Estudos Críticos do Animal na Mídia

A tipificação dos elementos que cercam o ser humano é um mecanismo, na maioria das vezes espontâneo, de organização de informações para que sejam processadas cognitivamente e expressadas ao outro. Por meio da linguagem, que consiste em signos partilhados pela sociedade, os sentidos a respeito da realidade social são materializados (BERGER; LUCKMANN, 1966, p. 57). Sendo assim, é natural dar nome às coisas, colocando-as em categorias simples, para que possam ser comunicadas e conhecidas. Todavia, esse sistema não é isento: a palavra, seja escrita, seja falada, ou até mesmo a ausência dela é dotada de valores construídos socialmente, historicamente e culturalmente, indo muitas vezes ao encontro de uma perspectiva especista, característica da sociedade. Assim como referido anteriormente, a palavra “animal” ou semelhantes foram constituídas carregando significados da hierarquia existente na relação entre o ser humano e as outras espécies.

O Jornalismo não está imune a essa lógica, pois é uma forma de comunicação com um papel social, devido ao serviço público que presta às populações. Além de amplificar as vozes da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 22), já carregadas de valores e normas vigentes, também constitui a realidade social da posição privilegiada de “sistema perito” (MIGUEL, 1999, p. 199), escolhendo os fatos importantes no mundo e a forma com que são apresentados como verdade ao público. A atividade deveria considerar o bem comum, fornecendo informações para que as pessoas pudessem desenvolver seu maior potencial como humanidade (KOVACH; ROSENSTIEL, p. 19), mas infelizmente a realidade foge do ideal.

Frequentemente, o conteúdo midiático acaba desfavorecendo até mesmo as pessoas, já que os grupos detentores dos veículos implicam interesses comerciais na elaboração dos produtos (TRAQUINA, 2005, p. 207). Os jornalistas fazem parte de uma sociedade especista, então é esperado que não estendam a consideração aos não-humanos, mas o mesmo fator

⁶Tradução livre de “Critical Animal and Media Studies (CAMS)”.

econômico atua como um agravante na linha editorial que determina a significação desses seres. No Brasil, empresas do ramo do agronegócio costumam ser investidoras da mídia de referência, então é pouco interessante criticar o sistema que mata animais para consumo. Além disso, o Jornalismo brasileiro, motivado por benefícios financeiros e questões ideológicas, historicamente se alia a partidos políticos, mesmo que afirme ser imparcial. Em um país onde a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) é uma das mais fortes e organizadas bancadas da Câmara dos Deputados, não é possível descartar a influência da corrente ruralista no conteúdo publicado. Sendo assim, o Jornalismo, movido por interesses, acaba atuando na manutenção de um sistema opressor aos animais não-humanos por meio da construção do texto midiático.

Apesar do cenário, têm crescido nos últimos tempos a visibilidade e a legitimação de debates a respeito do comportamento dos seres humanos em relação a outras espécies. O interesse dos brasileiros pelo veganismo – estilo de vida que busca excluir, o máximo que possível, todas as formas de exploração e crueldade de animais para comida, roupa ou qualquer outro propósito (VEGAN SOCIETY, 1944) – aumentou mais de 3000% nos últimos 10 anos, conforme análise feita com a ferramenta Google Trends (VEGANO, 2018). No que diz respeito especificamente à alimentação, dados mostram que o vegetarianismo já faz parte da vida de 14% dos brasileiros (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2018). A preocupação com o não-humano também atingiu o âmbito acadêmico e tem sido abordada em diversos domínios do conhecimento, como a Antropologia, as Artes, a Educação, as Ciências Biológicas, etc.

No caso da Comunicação, existem programas de pesquisa se consolidando em países como Suécia, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. Os Estudos Críticos dos Animais na Mídia (ECAM) surgiram com o objetivo de analisar a produção, o processamento e os efeitos das interações simbólicas mediadas pelas tecnologias comunicacionais, a fim de promover uma mudança nas relações de poder que causam sofrimento ao não-humano (ALMIRON; COLE; FREEMAN, 2018, p. 1). A vertente investiga a atuação de fatores econômicos, políticos e socioculturais na sustentação do sistema de valores especista, que influencia a mídia e é perpetuado por ela. Os ECAM se definem como uma teoria engajada a favor da libertação animal, que compreende o Jornalismo, a Publicidade, as Relações Públicas, o Cinema, as Telecomunicações, ICTS, a Psicologia Social, a Linguística e Semântica, entre outras áreas.

Research on the representation of other animals in films, news, advertising and literature has shown the systematic othering, manipulating and silencing of the reality of nonhuman animals and the arbitrariness of their framing – almost always built within frames of power relationship where they are treated as symbols, pets,

pests, prey, food, danger, machines, etc. according to human convenience⁷ (ALMIRON; COLE; FREEMAN, apud COLE; STEWART, 2018, p. 5).

Conforme ALMIRON, COLE e FREEMAN (2018, p. 5), o estudo da representação dos animais não-humanos na mídia foi a maior contribuição dos ECAM até agora, visto que o discurso veiculado tem grande relevância para a normalização de práticas em relação ao outro. No Brasil, não há programas de pesquisa exclusivos para entender o papel que os animais não-humanos tendem a ocupar na sociedade a partir do conteúdo midiático ou, mais especificamente, jornalístico. No entanto, três autores já buscaram entender as abordagens: o veterinário DAL-FARRA (2003), a bióloga BRÜGGER (2013; 2016) e a jornalista SIBONIS (2015).

2.1 A representação do não-humano no Jornalismo brasileiro

“Representações de Animal Na Contemporaneidade: Uma Análise Na Mídia Impressa” (DAL-FARRA, 2003) é o primeiro estudo brasileiro encontrado a respeito da representação do não-humano no Jornalismo. André Rossano Dal-Farra, formado em veterinária, analisou 73 peças, na maioria jornalísticas e algumas publicitárias, publicadas entre 1995 e 2002 pelos jornais Zero Hora, Diário de Canoas, ABC Domingo, Folha de São Paulo, Estadão; além das revistas Recreio, Superinteressante, Globo Ciência, Veja, Época e Istoé, sem uma frequência de publicação padrão entre todas. O trabalho focou na imprensa de grande circulação, partindo do pressuposto de que ela atua na construção de saberes. Apesar de se tratar de uma tese de doutorado em Educação, o autor acredita que “a mídia ocupa um espaço pedagógico importante na produção de sujeitos, considerando que os significados nela produzidos e veiculados, circulam e fornecem sentido às nossas ações” (DAL-FARRA, 2003, p. 22).

DAL-FARRA (2003) investigou o caráter cultural das práticas relativas aos animais não-humanos, inscritas no discurso midiático, e dividiu as abordagens em três grandes grupos: animais de companhia, animais no discurso ecológico e animais de produção. Ele identificou a complexidade das relações das pessoas com outras espécies, já que uns são tratados como membros da família, outros considerados dignos de serem preservados e, ainda, alguns são vistos como invasores ou até mesmo como alimento. Embora não vá ao encontro do ECAM

⁷ “Pesquisas na representação de outros animais em filmes, notícias, publicidade e literatura têm mostrado a ‘outridão’, manipulação e silenciamento sistemáticos da realidade dos animais não-humanos e a arbitrariedade dos seus enquadramentos – quase sempre construídos dentro de molduras de relações de poder onde são tratados como símbolos, animais de estimação, pestes, presas, comida, perigo, máquinas, etc. de acordo com a conveniência humana” [tradução livre].

pela falta de criticidade ao sistema que sustenta a opressão do não-humano, os resultados encontrados pelo autor podem somar a essa perspectiva.

Ao compor textos sobre animais na mídia, os jornalistas apresentam representações diversas, por vezes preocupando-se com o cavalo que se esvai em sangue após um atropelamento, em típica e trágica cena urbana, ou enlouquecendo de indignação com o massacre de primatas brasileiros como o mico-leão-dourado, mas, por vezes, pouco se preocupando com a origem da carne que acabou de comer no almoço, muito menos com todos os caminhos percorridos pelo referido músculo para chegar até ali. (DAL-FARRA, 2003, p. 244).

Já a bióloga Paula Brügger, mestra em Educação, que investiga programas do canal de televisão a cabo Globo News, tem uma abordagem mais questionadora a respeito do tratamento em relação aos não-humanos. “Especismo na TV: um olhar abolicionista sobre o programa Pelo Mundo” (BRÜGGER, 2013) analisa quatro matérias exibidas no programa Pelo Mundo em dezembro de 2012, em que não-humanos eram temática principal: uma tratava de ambientes facilitadores da reprodução de pandas, outra era sobre atividades para “cavalos de corrida” aposentados da função, a terceira era sobre a venda de bolos de natal para cães e a última sobre um peru que virou “bicho de estimação”. Já “Educação e Televisão: O Leão Cecil no Programa Sem Fronteiras, Globo News” (BRÜGGER, 2013) focou no programa Sem Fronteiras, veiculado em 2015, sobre a comoção internacional em relação à morte de um leão no Zimbábue. Os trabalhos não se preocuparam em ter um *corpus* numeroso, mas em examinar o conteúdo de forma minuciosa. Ambos os artigos se enquadram perfeitamente nos Estudos Críticos do Animal na Mídia, devido ao caráter engajado em contestar os valores que regem a prática jornalística e social em relação aos não-humanos.

Nos textos estudados, BRÜGGER (2013; 2016) verifica a ênfase em questões superficiais, como aparências e serventias para propósitos humanos, além da eliminação de contextos que dariam maior profundidade à existência das outras espécies. Nas matérias analisadas, os cavalos são valorizados quando possuem “sangue puro” e quando servem de entretenimento para o ser humano; os pandas têm relevância devido à preservação de um banco genético, não pela existência própria como indivíduos; os bolos para cães, na realidade, têm somente importância do ponto de vista das pessoas que consomem. Já a reportagem sobre o peru como “animal de estimação” apresenta uma abordagem de curiosidade e deixa de ir a fundo na importância dos “santuários animais”, espaços de abrigo para seres provenientes da indústria da carne. No caso do leão, foi identificada uma naturalização da caça quando permitida legalmente, faltando um aprofundamento quanto aos aspectos morais de matar um animal, independentemente de ser protegido institucionalmente. Em ambos trabalhos, a autora aborda a potencialidade da esfera da informação em combater o sistema que institui a

violência em relação ao outro. No entanto, ela observa a convivência do Jornalismo com uma visão de mundo especista, devido a questões mercantis, o que resulta na manutenção do status quo.

[...] a mídia reafirma valores hegemônicos moralmente condenáveis como o especismo *tout court*, o especismo seletivo, o valor meramente instrumental dos animais e o estímulo ao consumo de animais e seus derivados como mercadorias supérfluas, entre outros. (BRÜGGER, 2013, p. 155).

A mestra em jornalismo Danielle Sibonis foi a única pesquisadora da Comunicação que se aproximou dos Estudos Críticos do Animal na Mídia, contribuindo para a discussão da representação do animal. SIBONIS (2015) coletou reportagens do jornal impresso Folha de São Paulo entre abril e de junho de 2014, obtendo um *corpus* de 320 registros. Ela dividiu os resultados da Análise de Conteúdo em doze categorias, do mais frequente para o menos: *commodities*, alimentação, pragas e transmissores de doenças, animais de estimação, animais ameaçados, pesquisa científica, *fait divers*, história natural, esporte com animais, ecoturismo, etologia e zooterapia. Nesse caso, as duas representações mais comuns, que somam 65,5% do *corpus*, foram a respeito do uso do animal como produto alimentício. A autora atenta para o fato de que a JBS, uma das maiores empresas de carnes processadas do mundo, investe na Folha de São Paulo e que é comum veículos agirem favoravelmente às empresas pelas quais são financiados.

No processo de formação de conglomerados de mídia, as escolhas editoriais muitas vezes se alinham com os projetos ideológicos das empresas com as quais se estabelecem alianças econômicas a fim de favorecer a rentabilidade destas, e deste modo, os lucros que resultam da parceria. (SIBONIS, 2015, p. 222).

Para SIBONIS (2015), a mídia não é neutra, pois produz significados sobre a realidade e, mesmo que de forma imensurável, interfere na sua constituição. Ao naturalizar discursos como relatos objetivos de acontecimentos, falta com transparência em relação ao público, que não tem acesso aos critérios de noticiabilidade. Segundo seu estudo, os animais foram prioritariamente representados como objetos de consumo, sem menção dos tratamentos infligidos a eles, nem das consequências socioambientais. As representações encontradas na Folha de São Paulo não foram questionadoras em relação à forma com que os animais são tratados pelos campos científico, econômico e político (SIBONIS, 2015, p. 227). O Jornalismo, assim, acaba colaborando para sustentar as relações de dominação dos humanos em relação às outras espécies, perpetuando o sofrimento de bilhões de seres vivos anualmente.

3. Considerações Finais

Em alguns momentos são melhores amigos, em outros são produto alimentar; certas

vezes são dignos de serem cuidados, outras vezes são pestes a serem eliminadas; em situações recebem nomes, em outras fazem parte de uma natureza distante à civilidade. A representação do animal não-humano é pouco estudada mundialmente, embora possibilite uma maior compreensão dos fatores atuantes na contradição da nossa relação as outras espécies. Este artigo buscou enquadrar nos Estudos Críticos do Animal na Mídia os trabalhos publicados no Brasil sobre a temática. Mesmo DAL-FARRA (2003), que optou por uma abordagem mais contida, no começo deste século, produziu resultados a partir dos quais é possível refletir sobre a cultura construída. Já os estudos posteriores de BRÜGGER (2013; 2016) e SIBONIS (2015) são bastante questionadores em relação às estruturas sociais, culturais e econômicas que sustentam a devastação de outras espécies e do meio ambiente.

Este artigo consistiu em uma breve compilação de uma discussão que precisa ser ampliada, principalmente na Academia, espaço privilegiado de conhecimento. As universidades costumam ser vanguardistas na desconstrução de valores socioculturais que sustentam discriminações, como o sexismo, o racismo, a homofobia, entre outros. Então, visando a liberdade de todos os seres, a problematização da relação especista que o ser humano mantém com os outros animais é essencial em todas as áreas do saber. A humanidade está causando sofrimento aos não-humanos por conveniências, apoiando-se em características irrelevantes de distinção, e isso não pode mais ser tolerado. Temas como esse precisam romper as barreiras do ativismo e compor a pauta dos ambientes universitários.

A partir do contato com os Estudos Críticos dos Animais na Mídia, é provável que mais profissionais do Jornalismo estendam sua empatia aos animais não-humanos. Assim, devem aumentar as produções de reportagens cujo tratamento desses seres será ético, dentro, claro, das possibilidades editoriais. A mídia tem grande importância na construção de conhecimento e pode ser uma ferramenta de transformação da realidade. Só a partir da disseminação da informação será possível que a espécie *Homo sapiens* repense sua posição no mundo, como animal que faz parte de uma totalidade complexa, e expanda sua consideração moral às outras espécies em seus campos de atuação diários.

Referências

ABINPET. **Faturamento do Mercado Pet Brasileiro em 2017**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://abinpet.org.br/site/mercado/>>. Acesso em :26 jul. 2018.

ALMIRON, Núria; COLE, Matthew e FREEMAN, Carrie. *Critical Animal and Media*

Studies: Expanding the Understanding of Oppression in Communication Research. **European Journal of Communication**, p. 1 -14, 2018.

ANIMAL. Em: DICIONÁRIO **Michaelis**. Disponível em: <www.uol.com.br/michaelis>. Acesso em: 27 jul. 2018.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRÜGGER, Paula. Educação e Televisão: O Leão Cecil no Programa Sem Fronteiras, Globo News. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 21, pp. 169-199, 2016.

_____. Especismo na TV: Um olhar abolicionista sobre o programa Pelo Mundo. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 8, p. 121-165, 2013.

CONSTITUIÇÃO. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 28 jul. 2018.

DAL-FARRA, Rossano André. **Representações de Animal na Contemporaneidade: Uma Análise na Mídia Impressa**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2003.

EMBRAPA; INPE. **Dinâmica do uso e cobertura da terra no período de 10 anos nas áreas desflorestadas da Amazônia Legal Brasileira**, 2016. Disponível em: <http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/arquivos/TerraClass_2014_v3.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

FAO. **Livestock's Long Shadow: Environmental Issues and Options**. ONU. 2006. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/010/a0701e/a0701e.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

HILL, Jacob. **Environmental Consequences of Fishing Practices**. Environmental Science, s.d. Disponível em: <<https://www.environmentalscience.org/environmental-consequences-fishing-practices>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

IBOPE INTELIGÊNCIA. **14% da população se declara vegetariana**. 2018. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/14-da-populacao-se-declara-vegetariana/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

INDICADORES IBGE. **Estatística da Produção Pecuária**, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/13cd1316db83af017e82a7621772766c.doc>. Acesso em: 28 jul. 2018.

KEIM, Brendon. **Inside Animal Minds: What They Think, Feel and Know**. **National Geographic**. New York: Time Inc. Books, 2017.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir**. Porto: Editora Porto, 2001.

MIGUEL, Luís Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social** (USP). São Paulo, v. 11, n. 1, p. 197-208, 1999.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Biodiversidade Brasileira**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

NACONECY, Carlos. A Discriminação Moral Contra Animais: o Conceito de Especismo. **Revista Diversitas** (USP), São Paulo, v. 5, p. 21-53, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/120576/117653>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

RAMMÊ, Rogério. Vegetarianismo e Direitos dos Animais. In: **Simpósio de Cultura e Alimentação Vegetariana** (UFRGS), 1, 2018. Porto Alegre.

SIBONIS, Danielle. **As Representações Socioculturais dos Animais no Jornalismo da Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2015.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

THE CAMBRIDGE DECLARATION OF CONSCIOUSNESS. **Francis Crick Memorial Conference**, Cambridge, 2012. Disponível em: <<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

THE VEGAN SOCIETY. **Definition of Veganism**, 1944. Disponível em: <<https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VEGANO. Em: GOOGLE TRENDS. Entre 25 de julho de 2008 e 25 de julho de 2018. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2008-07-25%202018-07-25&geo=BR&q=vegano>>. Acesso em: 29 jul. 2018.